

90 ANOS DO JC

Do sonho de Jenor Jarros nasce um novo jornal

Ícone da imprensa gaúcha, Jenor Cardoso Jarros tomou um empréstimo e fundou o Consultor do Comércio

A sigla JC remete ao Jornal do Comércio e às iniciais do fundador da publicação, Jenor Cardoso Jarros. Não por acaso, a empresa que publica o diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul se chama Empresa Jornalística J. C. Jarros. As histórias do jornal e do homem se confundem: o respeitável tabloide de páginas coloridas que, aos 90 anos, publica diariamente centenas de notícias nasceu de um sonho de Jenor: ter seu próprio negócio e ser editor de um jornal.

Com pouco mais de 20 anos, decidiu criar um boletim informativo do comércio em Porto Alegre, cidade que em 1933 tinha 300 mil habitantes. O País era comandado por Getúlio Vargas, e o mundo ainda sentia os efeitos da crise internacional com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929.

Mas o jovem estava decidido a levar adiante seu empreendimento. Tomou um empréstimo, comprou uma velha máquina de escrever Remington, um mimeógrafo usado e alugou uma apertada salinha na rua General Câmara, nº 28.

Nascia o Consultor do Comércio, periódico que informava aos atacadistas da época a entrada de produtos coloniais na Capital e o movimento de vapores no porto, como eram chamados os grandes navios cargueiros.

Jenor Jarros tinha força de vontade e conhecimentos adquiridos quando trabalhou para Alencastro Antunes, que também editara um boletim – os assinantes depois foram herdados pelo Consultor do Comércio.

Ele contava ainda com dois colaboradores decisivos para o sucesso da empreitada: sua noiva Zaida e o amigo Ismael Varela – ambos, aliás, seguiram no Jornal do Comércio após a morte do fundador, décadas mais tarde.

Nos anos 1930, Zaida era uma jovem professora que, à noite, depois do expediente, revisava a soma dos números colhidos ao longo do dia para que fossem datilografados corretamente ainda na manhã seguinte bem cedo, passados no mimeógrafo e distribuídos aos assinantes do boletim. Varela era o braço direito de Jenor.

Assim, o pequeno grupo fazia todas as tarefas necessárias à circulação do boletim. “Aquele homem que, ainda no verdor dos anos, percorria a cidade com um maço de jornais debaixo do braço... Poucos sabiam que aquele homem

solitário carregava muito mais do que um simples pacote de jornais: ele carregava um tesouro. Estava vivendo o sonho de um jornal, que já estava nascendo, como modesto boletim”, descreve o jurista Francisco Talaia O’Donnell, contemporâneo de Jenor Jarros e depois colaborador do jornal.

As poucas páginas impressas em formato de jornal foram crescendo e conquistando assinantes no Rio Grande do Sul. “Jenor Jarros costumava dizer que ele era tudo no jornal: editor, diretor, entregador e faxineiro. Poucos são os que poderão dar testemunho de como foi árdua e difícil a caminhada inicial que transformou em realidade o grande sonho do fundador do Jornal do Comércio. Fica aqui o testemunho de um grande admirador da obra que viu nascer e crescer. Alguns, quando viam Jenor sobraçando seu jornal, comentavam mais ou menos assim: ‘Coitado do Jarros, perdendo seu tempo numa luta inglória, com esse jornal que jamais poderá crescer, pois ele não tem capital, não tem máquinas, não tem nem sede. É mais uma iniciativa que morre na praia’. Estes não imaginavam que, além do jornal, ele carregava algo mais, um sonho, grande sonho que o conduzia”, conta O’Donnell, em artigo no livro *Jornal do Comércio 60 anos*, do jornalista Homero Guerreiro.



Jenor Cardoso Jarros esteve à frente do JC da fundação até 1969

Segunda geração do JC teve a liderança de Delmar Jarros

Integrante da segunda geração do JC, Delmar Jayme Jarros, 87 anos, trabalhou no comando do jornal ao lado da mãe, Zaida Jarros por três décadas, atuando depois no Conselho de Administração do Jornal do Comércio.

Desde criança se interessou pelo empreendimento comandado pelo pai, Jenor Cardoso Jarros. Em 1952, aos 15 anos, começou a trabalhar na empresa. Sua primeira tarefa, como outros jovens que buscavam emprego no veículo de comunicação, foi como entregador.

Distribuía o então Consultor do Comércio aos assinantes na avenida Farrapos. Num primeiro momento, a pé. Depois, inovou ao fazer a entrega de bicicleta. Passou por diversos setores da

empresa, auxiliou na impressão do jornal, mas se firmou no setor administrativo. Aliás, para trabalhar, Delmar passou a estudar no turno da noite - foi assim que concluiu o curso técnico de Contabilidade na ACM.

Depois de servir ao Exército, passou a se dedicar em tempo integral ao jornal. E, após 16 anos de atividade, tornou-se diretor administrativo. Foi em 1968, quando o Jornal do Comércio se instalou na nova sede da avenida João Pessoa. No ano seguinte, acompanhou a negociação do pai na compra de uma impressora offset, importada dos Estados Unidos. O prédio já havia sido reformado para abrigar o equipamento.

Mas o fundador do JC faleceu antes de a máquina encomendada

chegar ao destino. Delmar teve de retomar as negociações. “Fui ao banco e me disseram que o aval para o empréstimo era para o seu Jenor. Aí tive que pegar confiança, levar os balancetes até liberarem o dinheiro. E a impressora lá no cais, em Nova York, só esperando a autorização”, lembra.

Atuando na retaguarda, o representante da segunda geração da família Jarros no Jornal do Comércio teve o auxílio da mãe, Zaida, na linha de frente. “A vida inteira ela foi uma conselheira do pai no jornal. E depois, passou a dar expediente diário no jornal, fazia muito bem o marketing, e assim como o pai, tinha muita visão das coisas, sabia que caminho seguir. E dava muita credibilidade à empresa”, conta Delmar.

Ele seguiu a filosofia dos pais, de avançar sempre com os pés no chão. “Iamos progredindo pouco a pouco, conforme as necessidades. Não era mudar por mudar”, conta.

O modelo ajudou nos momentos difíceis, como nos anos 1980, quando Porto Alegre chegou a ter apenas dois diários. “Havia hiperinflação, que chegava a 80% ao mês, sem falar nas mudanças da moeda... Isso afetava toda a economia da empresa.”

Delmar salienta que nos 90 anos o Jornal do Comércio se manteve como uma empresa familiar, com capital próprio. A terceira geração, com seus três filhos, Cristina Ribeiro Jarros, Jenor Cardoso Jarros Neto e Valéria Jarros Tumelero, teve o reforço do genro, Mércio Tumelero (diretor-presidente do JC).

Diretor administrativo por três décadas, Delmar elogia a profissionalização da gestão. “No meu tempo, havia um certo paternalismo, no sentido de que eu era responsável pelas centenas de colaboradores. E o Mércio distribuiu mais as responsabilidades, indicou seus executivos para cada setor”, observa.



Filho dos fundadores, Delmar Jarros atuou no JC por décadas